

JAIME MANUEL DA COSTA OLIVEIRA

No 1º semestre de 1961, quando prestes a concluir a minha licenciatura em Ciências Físico-Químicas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, tive o privilégio de poder escolher uma carreira, de entre três oportunidades que me tinham sido oferecidas, e optei por iniciar um trabalho de investigação científica no Serviço de Reactores Nucleares de Investigação do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares (LFEN), da Junta de Energia Nuclear.

O Laboratório fora inaugurado em Abril desse ano, pelo que posso dizer que participei, com muitos outros, numa interessante e significativa experiência de criação de uma infra-estrutura científica e tecnológica numa área avançada da ciência e tecnologia no nosso país.

Este Laboratório estava inserido num organismo que sabia para onde queria ir, que tinha uma estratégia firmemente assumida e que foi capaz de criar, pelo menos na instituição onde trabalhei, um clima susceptível de mobilizar gente nova (e gente menos nova) para projectos interessantes.

No final de 1977, fazia parte da comissão de gestão da Junta de Energia Nuclear, para a qual tinha sido nomeado alguns meses antes pelo governo de então, com a incumbência de dirigir o Laboratório onde iniciara a minha carreira em 1961. E julgo que faz sentido deixar aqui o testemunho do desgosto com que tive conhecimento, depois de a decisão estar tomada, de que o Governo decidira extinguir a Junta de Energia Nuclear e integrar o Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, juntamente com outros laboratórios tutelados pelo Ministério da Indústria e Tecnologia (como nesta altura se designava), num novo laboratório publico, o Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial.

No entanto, isso não me impediu de integrar, em Abril de 1978, a comissão instaladora do LNETI e de participar numa nova aventura de criação de um laboratório de investigação científica e tecnológica no nosso país.

Não uma criação de raiz, como em 1961, na medida em que o LNETI foi criado a partir de instituições que existiam com as suas histórias, com as suas culturas, com as suas pessoas. Foi mais difícil, foi sobretudo diferente, valeu a pena!

Hoje, sou responsável pelo Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares do LNETI e, neste Instituto, continuamos a tentar - como há 30 ou 20 anos - contribuir para a introdução no nosso país das potencialidades das ciências e das técnicas nucleares em termos de aplicações pacíficas.

Sem descurar a vertente energética das aplicações da energia nuclear, que cultivamos ou procuramos cultivar neste Instituto, em áreas específicas criteriosamente seleccionadas da segurança das centrais nucleares, a nossa actividade actual e os nossos projectos para o futuro cobrem, sobretudo, as vertentes não energéticas da energia nuclear, ou seja, as aplicações das ciências e das técnicas nucleares sobretudo na industria, mas também na agricultura, na saúde, na cultura, nos estudos do ambiente.

O Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares do LNETI é uma infra-estrutura científica e tecnológica sem paralelo no nosso país, o que é de certo modo, na minha opinião, uma medida da vulnerabilidade de Portugal nesta área e ao mesmo tempo, no meu entendimento, um sinal da responsabilidade que nos cabe de continuar. Sou dos que acreditam que o século em que nasci ficará assinalado na história das ciências e das técnicas, pelo menos por quatro grandes realizações: a bomba V2, de Von Braun, e a conquista do espaço; a microelectrónica e os computadores; a descoberta da cisão nuclear, as centrais nucleares e as bombas nucleares; a interpretação da estrutura do ADN e todo o trabalho que se está a realizar na área da genética. Entre estes quatro grandes marcos do progresso científico e tecnológico, situa-se aquele onde há 30 anos, livremente, pude escolher para início de carreira. Sinto-me feliz por ter feito esta escolha e, com o mesmo empenho, estou disponível para continuar com os meus colegas (mais novos e menos novos) nesta interessante área profissional.

Como costume dizer, trabalhando em silêncio, procurando surpreender os mercadores de palavras, mas com convicção, com esperança, e feliz.

Nota biográfica

Nascido em Lisboa, 1939. Licenciado em Ciências Físico-Químicas, Universidade de Lisboa, 1961. Doutorado em Física Nuclear, Universidade de Paris, 1969. Investigador-Coordenador do Instituto Tecnológico e Nuclear, 1978-2003. Director do Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares do LNETI, 1986-1993. Director do Departamento de Energia e Engenharia Nucleares do LNETI, 1981-1986. Membro da Comissão Instaladora do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI), 1978-1981. Membro da Comissão de Gestão da Junta de Energia Nuclear, 1977-1978. Coordenador da Comissão de Redacção do Projecto de Livro Branco sobre Centrais Nucleares em Portugal, 1976-1977. Membro da Comissão Directiva do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, 1975, 1976-1977. Membro da comissão organizadora da Sociedade Portuguesa de Física, 1971-1974. Colaborador da Enciclopédia VERBO - Edição Século XXI. Autor de numerosos trabalhos de investigação científica e de outros estudos nos domínios da Física e Engenharia dos Reactores Nucleares e da política de investigação e desenvolvimento no sector da energia. Docente em cursos de licenciatura e de mestrado da Faculdade de Ciências de Lisboa, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, do Instituto Superior de Economia e Gestão e do Instituto Superior Técnico.

Início de 1992.

In António Jorge Coelho de Carvalho e Maria do Rosário Torégão Romão Sequeira Gil, LNETI, GÉNESE, SITUAÇÃO AO FIM DE 12 ANOS, LNETI/INCM., Vol. II, pp.93-95., 1993.